

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA**

MAICON DA SILVEIRA

**ALÉM DAS LÁPIDES:
UMA ANÁLISE CULTURAL E SOCIAL DO CEMITÉRIO MUNICIPAL FREI PLÁCIDO
ROHLF, EM XAXIM (SC)**

**CHAPECÓ
2024**

MAICON DA SILVEIRA

ALÉM DAS LÁPIDES:

**UMA ANÁLISE CULTURAL E SOCIAL DO CEMITÉRIO MUNICIPAL FREI PLÁCIDO
ROHLF, EM XAXIM (SC)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção
do título de Licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Picoli

CHAPECÓ

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Silveira, Maicon da

ALÉM DAS LÁPIDES: UMA ANÁLISE CULTURAL E SOCIAL DO
CEMITÉRIO MUNICIPAL FREI PLÁCIDO ROHLF, EM XAXIM (SC) /
Maicon da Silveira. -- 2024.

33 f.:il.

Orientador: Doutor em História Bruno Antonio Picoli

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2024.

1. Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf (Xaxim),
Representações sociais, Colonização.. I. Picoli, Bruno
Antonio, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MAICON DA SILVEIRA



Documento assinado digitalmente
MAICON DA SILVEIRA
Data: 16/10/2024 20:05:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 18/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr. Bruno Picolli – UFFS
Orientador

Prof. Ms. Fabio Araújo

Prof. Dr. Valdirene Chitolina

Dedico este trabalho aos meus filhos Stefani, Luiz Fernando, João Pedro, minha esposa Daiane e aos meus pais Sadi e Salete.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (Ecléa Bósi).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral analisar o papel dos cemitérios, com foco no Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf em Xaxim (SC), na construção da identidade cultural e na preservação da memória coletiva da comunidade. Os objetivos específicos incluem investigar como os cemitérios refletem aspectos históricos locais, estudar a representação de grupos sociais específicos, examinar a manifestação dos status sociais nos túmulos e monumentos, e refletir sobre os nomes presentes nas sepulturas. O problema de pesquisa busca entender como os cemitérios atuam como microcosmos da identidade cultural e memória coletiva, representando grupos sociais e refletindo mudanças ao longo do tempo. A hipótese sugere que a análise dos túmulos revelará uma associação direta entre a representação de grupos sociais e a construção da identidade cultural local, refletindo questões sociais, políticas e econômicas.

Palavras-chave: Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf (Xaxim), Representações sociais, Colonização.

ABSTRACT

This final course work aims to analyze the role of cemeteries, focusing on the Frei Plácido Rohlf Municipal Cemetery in Xaxim (SC), in the construction of cultural identity and the preservation of collective memory of the community. The specific objectives include investigating how cemeteries reflect local historical aspects, studying the representation of specific social groups, examining the manifestation of social status in graves and monuments, and reflecting on the names present in the graves. The research problem seeks to understand how cemeteries act as microcosms of cultural identity and collective memory, representing social groups and reflecting changes over time. The hypothesis suggests that the analysis of the graves will reveal a direct association between the representation of social groups and the construction of local cultural identity, reflecting social, political and economic changes.

Keywords: Frei Plácido Rohlf Municipal Cemetery (Xaxim), social representations, colonization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Jazigo da família Lunardi.....	25
Figura 2 – Avenida André Lunardi.....	25
Figura 3 – Avenida Luiz Lunardi.....	26
Figura 4 – Sepulturas comunitárias de Xaxim.....	26
Figura 5 – Vista aérea do cemitério e da cidade de Xaxim.....	27
Figura 6 – Bairro Chagas.....	27
Figura 7 – Jazigo da família Gheno.....	28
Figura 8 – Epígrafe do colonizador Luiz Lunardi.....	29
Figura 9 – Reportagem do Jornal Click Xaxim.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SINCEP	Sindicato dos Cemitérios Particulares do Brasil
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	OBJETIVOS.....	134
1.1.1	OBJETIVO GERAL.....	13
1.1.2	OBETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
1.1.3	HIPÓTESE DE PESQUISA.....	13
2	CEMITÉRIOS COMO REFLEXO HISTÓRICO.....	15
3	PROCESSO DA FORMAÇÃO DE XAXIM: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS COLONIZADORES E DOS COLONIZADOS.....	20
4	MARCAS ESCULPIDAS NO TEMPO: O CEMITÉRIO MUNICIPAL FREI PLÁCIDO ROHLF E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL EM XAXIM.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, parto da pergunta: Como o Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf em Xaxim (SC), atua como microcosmo da identidade cultural e da memória coletiva da comunidade xaxinense, refletindo e perpetuando a representação de grupos sociais específicos? Além disso, de que maneira os status sociais desses grupos são manifestados e preservados nos túmulos e monumentos presentes nesse espaço, e de que forma tais representações podem revelar aspectos significativos da história local, incluindo mudanças sociais, políticas e econômicas ao longo do tempo?

Para responder as questões, dividi o trabalho em 3 partes. No capítulo “Cemitérios como reflexo histórico”, pretendo fazer uma pesquisa bibliográfica na qual citarei diferentes autores que tratam sobre o papel dos cemitérios na construção da identidade social de forma geral. Aqui, os cemitérios serão abordados como reflexo histórico e através do simbolismo presente nos elementos funerários, busca-se explorar o significado simbólico da composição do cemitério de Xaxim.

No capítulo “Processo da formação de Xaxim: representações sociais dos colonizadores e dos colonizados”, objetivo estudar a formação de Xaxim e as representações sociais dos colonizadores e colonizados, a obra “Interfaces da colonização do oeste catarinense: a antiga fazenda Rodeio Bonito (1920-1954)”, de Valdirene Chitolina, será a bibliografia mais usada como referência. Esse processo é necessário para a compreensão da composição do Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf.

Já no capítulo “Marcas esculpidas no tempo: túmulos, nomes e a construção da identidade social no Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf”, pretendo analisar as representações sociais a partir do cemitério. A fotografia será a principal fonte histórica, aliada às discussões feitas nos capítulos anteriores. Optei por esse tipo de documento, pois as fotografias são capazes de retratar representações da realidade, deixando à mostra aspectos que nem sempre fontes escritas e orais conseguem.

Por fim, conclui-se que sepulturas, os monumentos e mausoléus refletem não apenas a posição econômica dos falecidos, mas também as hierarquias sociais. Esses espaços encapsulam narrativas de poder e status que podem ser decifradas através da simples observação arquitetônica do Cemitério Frei Plácido Rohlf.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar e compreender o papel dos cemitérios, com foco no Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf em Xaxim (SC), na construção da identidade cultural e na preservação da memória coletiva da comunidade.

1.1.2 Objetivos específicos

- Investigar de que maneira os cemitérios refletem aspectos históricos locais, incluindo mudanças sociais, políticas e econômicas;
- Estudar como grupos sociais específicos, de diferentes origens étnicas, são representados neste espaço;
- Examinar como os status sociais desses grupos são manifestados e preservados nos túmulos e monumentos, fornecendo uma compreensão mais ampla da influência dos cemitérios na construção da identidade coletiva e na expressão histórica de uma comunidade ao longo do tempo.
- Refletir sobre os nomes presentes nos túmulos, considerando a arquitetura e localização dessas sepulturas, para entender como os cemitérios não apenas refletem a diversidade cultural e social, mas também revelam as desigualdades e transformações ao longo da história em distintas áreas da cidade de Xaxim.

1.1.3. Hipótese de pesquisa

A análise dos túmulos, monumentos e estruturas presentes no Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf em Xaxim (SC), revelará uma associação direta entre a representação de grupos sociais específicos, como europeus, indígenas, caboclos e negros, etc. e a construção da identidade cultural e memória coletiva da comunidade local. Supõe-se que os elementos simbólicos e representações nos túmulos refletem não apenas a diversidade étnica, mas também o status social e a importância

relativa dada a esses grupos na sociedade local ao longo do tempo. Assim, as mudanças nos estilos, tamanhos e localizações dos túmulos e monumentos, ao longo das décadas, podem indicar questões sociais, políticas e econômicas que ocorreram na história de Xaxim, contribuindo para a compreensão mais profunda do papel dos cemitérios na preservação e expressão da identidade coletiva local.

2 CEMITÉRIOS COMO REFLEXO HISTÓRICO

Neste capítulo, faz-se uma pesquisa bibliográfica na qual citam-se diferentes autores que tratam sobre o papel dos cemitérios na construção da identidade social. Aqui, os cemitérios serão abordados como reflexo histórico através do simbolismo presente nos elementos funerários, busca-se explorar o significado simbólico da composição do cemitério de Xaxim a partir dos túmulos, esculturas, inscrições, símbolos religiosos e disposição geográficas. Para isso, é necessário entender o que são os cemitérios em si:

Nas sociedades ocidentais buscou-se sempre preservar ou guardar os vestígios dos mortos, seja por meio da construção de túmulos monumentais, como em algumas civilizações do passado e também nos primeiros cemitérios secularizados, seja em suas versões contemporâneas, nos cemitérios-jardins ou nos cemitérios verticais, nos quais apenas se afixa o nome do morto para identificar o local de sepultamento. Atualmente, em sua forma de expressão menos convencional, os vestígios do morto são apenas confirmados pela gestão afetiva da memória, quando o túmulo não é mais inscrição do corpo a um determinado lugar, quando o cadáver é cremado e suas cinzas, espargidas no ar (MOTTA, 2009, p. 73).

Portanto, os cemitérios são lugares onde ocorrem os sepultamentos dos mortos. Isto é, são lugares para fazer homenagens à memória das pessoas que já morreram. Expressam-se também como ações sociais quanto ao seu valor sentimental e religioso. Representam para a maioria das culturas, uma das principais obrigações familiares, pois após a morte de um ente querido as pessoas da família ainda desejam perpetuar a identidade do falecido como forma de preservação e representação. Tal preservação busca expor o que a pessoa representou em vida (SANTANA, 2012).

De acordo com Motta (2009), o cemitério é a representação simbólica do universo social. Por isso, a estratificação que é vista na sociedade, reflete também nas estruturas e construções de determinados povos. Segundo Bourdieu (1992), os diversos grupos que compõem uma sociedade têm a necessidade de demarcar, através de símbolos, quem são seus iguais e quem se difere. Isso se dá pela necessidade humana de socialização. Daí, encaixa-se o conceito de capital social, em outros termos, a capacidade de se encaixar em determinadas redes humanas e

se diferenciar de outras. Isso também fica evidente quando se analisa a disposição e elementos dos cemitérios.

Aqui, compreende-se a identidade, a exemplo de Silva (2014), como os processos de classificação social que produzem a subjetividade dos indivíduos e dos grupos, marcados por vetores de poder e percepções de diferença e semelhança. O autor afirma que as identidades são socialmente distribuídas e disputadas, estando em constante interação e tensão. Construídas principalmente por representações simbólicas, são fruto da necessidade de organização social e definidas como negociações de sentido, o que causa a hierarquização (dominador e dominado) e a ideia do nós x eles. Tais aspectos refletem nos ritos funerários.

Afinal, os cemitérios são lugares de memória individual e coletiva e, por isso, influenciam a construção da identidade cultural da sociedade. Por isso, para Ismério (2016), os cemitérios são museus a céu aberto, porque reproduzem as condições econômicas, a influência política e a história de determinadas pessoas, de grupos sociais e da mentalidade de determinadas épocas. Por isso, é comum por exemplo, a divisão entre classes, gêneros e etnias mesmo depois da morte.

Para Motta (2009), as classes abastadas, independente da época, sempre sentiram a necessidade de se distinguir das demais nos espaços de sepultamento. O que gerou um quadro de segregação nos cemitérios que também ocorre no dia a dia das cidades. “A materialização dessas construções individualizadas e grandiosas, recheadas de símbolos personalizados, é nada mais do que a preservação desses vestígios do morto e a afirmação de uma posse simbólica e, de certa forma, uma singularidade de classe” (MACHADO; SANTOS, 2021, p. 7).

A arquitetura dos túmulos e mausoléus - as tumbas de destaque para figuras notáveis de uma comunidade - são sintomas da distinção social póstuma [...]. Podem ser feitos túmulos com estátuas, elementos da cidade e até de casas, como se a pessoa fosse para sempre descansar na sala de sua residência. A construção desses monumentos, de acordo com Sanches, relaciona-se ao aspecto de fabricar a imagem da pessoa morta à sociedade, e familiares e amigos. Neste caso, se preocupam com essa aparência (TOZATI, 2022, p. 1).

Além da classe, a questão racial também precisa ser levada em conta quando pensa-se na forma e disposição do sepultamento. Devido a herança colonial, é comum que as famílias ricas sejam brancas, pois estas se beneficiaram economicamente do processo de escravização dos negros e indígenas, deixando

acúmulos capitais para seus descendentes. Os brancos, sobretudo os de famílias colonizadoras, assim, ocupam majoritariamente as áreas privilegiadas da cidade e do cemitério. Enquanto os negros e indígenas, que não podiam produzir para si, porque tinham que trabalhar para seus donos, legaram então, a pobreza, bem como parte de seus descendentes. Isso reflete na cidade e no cemitério, sendo eles os que em maior número ocupam os espaços doados pela prefeitura, normalmente nas periferias (ALMEIDA, 2018). O que acontece também em Xaxim.

Quanto a questão de gênero, é comum que os jazigos familiares sejam identificados sempre pelo sobrenome da família do homem e não da mulher. Por exemplo: Família Bianchi, Família Matos, Família Alencar, etc. Ou pelo nome do patriarca falecido, como por exemplo: João Paulo Damásio e família. Isso reflete a estrutura patrilinear das sociedades ocidentais e evidencia que mesmo após a morte a identidade feminina é colocada em segundo plano, sendo vista como menos importante que a figura do pai ou do marido na vida (e na morte) pública (MOTTA, 2009).

Os cemitérios são obra dos vivos e, por isso, reproduzem seus hábitos, crenças, classes e problemáticas. As mensagens escritas nos túmulos também podem ser analisadas por uma ótica social. Não são apenas mensagens de saudade, mas a influência do morto quando vivo. São sempre textos elogiosos, o que mostra que aqueles que formulam os epitáfios se preocupam com a memória dos que morreram. Quanto à memória, há uma preocupação com o status. Não raro, os títulos e diplomas os compõem. Como diz Sanches (2022, p. 1) “Quem ocupa posição de destaque enquanto vive, ocupa quando morre também” (TOZATI, 2022, p. 1).

Assim, a tradição de sepultamento é para além de uma questão sanitária, uma forma de as sociedades elaborarem e partilharem seus símbolos, práticas e valores como expressões da representação da realidade. Portanto, o fenômeno de segregação parece ser visível, quando, desde os tempos mais antigos, os ricos gastavam fortunas nas construções tumularias e os pobres ocupavam espaços marginais cedidos ou tomados, o que também acontece na composição das cidades. (SANTANA, 2012). Incluindo Xaxim.

De acordo com o Sindicato dos Cemitérios Particulares do Brasil (SINCEP) ao analisar as origens dos cemitérios, percebe-se que o discurso se deriva da higienização dos espaços, porém o sepultamento individual ou o jazigo familiar não

foram criados por razões religiosas, sendo assim não eram ideias médicas, mas políticas. O problema da desigualdade já existia mesmo antes do surgimento dos cemitérios, quando nas igrejas só eram sepultados católicos batizados, ou seja, europeus e descendentes. Dessa forma o surgimento dos cemitérios representou uma inovação ao que as pessoas estavam acostumadas, mas não significou o abandono de seus costumes e crenças (SANTANA, 2012).

Assim, o gosto pelo túmulo de família passava a ser uma importante referência para as elites brasileiras urbanas, que logo se adaptaram aos novos padrões de uso e apropriação dos espaços cemiteriais públicos, bem como de suas lógicas de enterramento. Depois de alguns anos de inaugurados, os cemitérios passaram a concorrer entre si pela grandiosidade e luxo que suas construções tumulares eram capazes de exibir. Cada um a seu modo tentou atrair para suas quadras de sepultamento as camadas mais afortunadas ligadas ao patronímico de velhas famílias que gozavam de prerrogativas econômicas e políticas decorrentes do comércio, da produção escravista, do latifúndio e de cargos importantes no poder público (MOTTA, 2010, p. 5)

Então, parte-se da ideia de que a reflexão sobre o destino dos mortos em nossa sociedade descortina da rede de relações pessoais mantidas em vida e de suas memórias. O cemitério, portanto, é ideal para a expressão das práticas identitárias, visto que a individualização das sepulturas dos sujeitos ou das famílias e os gastos expressos nas mesmas, demonstram o desejo de preservar a identidade, o status e a memória dos mortos. Assim, servem à transmissão dos valores culturais e à própria lógica do sentido existencial dos vivos (CARNEIRO, 2013).

Assim, estes estudos nos auxiliam a identificar o cemitério enquanto experiência individual e coletiva, como espelho da cidade na qual está inserido e reflexo das tensões e representações sociais locais. O conhecimento dessas representações oferece a compreensão de como os sujeitos sociais compreendem os acontecimentos da vida diária, as características do ambiente onde vivem, as relações sociais e as práticas identitárias (CARNEIRO, 2013).

Intenciona-se entrelaçar esta parte com os capítulos a seguir: “Processo da formação de Xaxim: representações sociais dos colonizadores e dos colonizados” e “Marcas esculpidas no tempo: túmulos, nomes e a construção da identidade social no Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf, em Xaxim”, que destacarão, por meio de discussões e fotografias, as figuras históricas locais e as personalidades ligadas ao processo da formação de Xaxim, município localizado na região oeste de Santa

Catarina. Com o objetivo de explorar como suas vidas são representadas nesses monumentos.

3 PROCESSO DA FORMAÇÃO DE XAXIM: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS COLONIZADORES E DOS COLONIZADOS

Neste capítulo, que trata sobre a formação de Xaxim e as representações sociais dos colonizadores e colonizados, a obra “Interfaces da colonização do oeste catarinense: a antiga fazenda Rodeio Bonito (1920-1954)”, de Valdirene Chitolina, será a bibliografia mais usada como referência, aliada à outras pesquisas acerca da história regional do oeste de Santa Catarina, região da qual o município de Xaxim faz parte. O entendimento do processo de formação de Xaxim é necessário para a compreensão da composição do Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf, que se será analisado no próximo capítulo “Marcas esculpidas no tempo: túmulos, nomes e a construção da identidade social no Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf”.

A historiadora Valdirene Chitolina (2008, p. 7) na sua dissertação de mestrado aborda o processo de colonização do oeste catarinense, o qual foi marcado por disputas territoriais, conflitos culturais e transformações sociais. Na pesquisa a autora analisa esse processo a partir do caso da antiga fazenda Rodeio Bonito (atuais municípios de Xaxim, Coronel Martins, Ipuacu, Lajeado Grande, Marema, Jupiá, Galvão, Entre Rios e São Domingos), que foi colonizada pela subcolonizadora Irmãos Lunardi entre 1920 e 1954. Chitolina utiliza fontes documentais, bibliográficas e orais para reconstituir a história da região, que envolveu diferentes grupos étnicos e sociais. Ela mostra como a colonização do oeste catarinense resultou na formação de uma identidade regional que transcendeu o aspecto geográfico e incorporou elementos culturais, econômicos, políticos e históricos.

Na sua dissertação, Chitolina (2008) menciona que as companhias colonizadoras, formadas por grupos de sócios, visavam lucros através da venda de terras no oeste de Santa Catarina. A construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande facilitou o povoamento da região. A *Brazil Development & Colonization*, subsidiária do grupo Farquhar, assumiu a colonização do oeste catarinense em contrato com o governo. Empresas como Bertaso Maia & Cia. foram fundamentais na comercialização de terras. O processo de colonização envolveu a apropriação de terras devolutas, explorando recursos naturais como madeira e erva-mate. Empresas como Irmãos Lunardi atuaram na venda de lotes destinados à agricultura familiar, atraindo migrantes sul-rio-grandenses. A relação entre colonizadores e

poder público fortalecia interesses privados. A colonização envolveu a transferência de terras da fazenda Rodeio Bonito entre empresas, como Bertaso, Maia & Cia. e Irmãos Lunardi. Para Secreto (2007), a Lei de Terras, adotada nessa época no Brasil, era baseada na Lei dos Estados Unidos: aprovava a venda de terras públicas, definia a forma de medição e estabelecia os valores. Além desses aspectos, a Lei dava autorização para o governo trazer imigrantes europeus para trabalharem por um tempo no Brasil, de forma assalariada, nas mais diversas áreas. Além disso, o dinheiro coletado com a venda das terras públicas era usado para sustentar os imigrantes aqui no Brasil o que estimulava a imigração. Já os indígenas, negros e caboclos eram explorados em dois diferentes regimes: escravização ou servidão involuntária, em maior parte, de forma ilegal. Esse cenário faz parte da formação de Xaxim.

Antes da chegada dos colonos europeus, ainda, essa área já era habitada por indígenas. Depois, por volta do século XVIII, os bandeirantes portugueses, que exploravam regiões não demarcadas pela coroa de Portugal, começaram a ocupar essa área, esse contato entre eles e os indígenas gerou a fixação de caboclos, resultado da miscigenação. Os negros também fizeram parte desse processo, sendo trazidos para Xaxim por fazendeiros ou fugidos, se misturaram às comunidades caboclas. Só no século XX é que os colonos europeus passaram a ocupar essas terras. Ou seja, esse contexto de formação cultural foi muito diverso e todos os diferentes costumes desses povos se misturaram e configuraram a cultura da comunidade xaxinense (VICENZI, 2008).

Com a fixação dos colonos, a terra, que era vista pelos indígenas Guarani, Xokleng e Kaingang, que já viviam em Santa Catarina, como um bem comum ou mesmo uma entidade sagrada, passou a ser tratada como propriedade privada, destinada para exploração agrícola. Essa visão europeia sobre a terra incomodava os indígenas, quilombolas e caboclos, e a visão dos nativos e seus descendentes incomodava os colonos.

Os europeus achavam que os nativos “desperdiçavam” a terra, porque não a usavam para lucrar. Já os nativos, achavam errado olhar para a terra como uma propriedade. Contudo, o governo brasileiro era representante das elites locais, ou seja, também tinha um olhar europeu, extrativista e modernizador, assim, passou a ocupar as terras onde viviam os indígenas e miscigenados para as doar para europeus com o auxílio das companhias de colonização (SECRETO, 2007).

A expansão das companhias colonizadoras influenciou o povoamento do oeste catarinense, com intensa migração sul-rio-grandense a partir de 1920. Empresas registradas como colonizadoras e madeireiras desmatavam terras para a venda de lotes. A dissertação de Chitolina (2008, p. 62-66) destaca a diversidade étnica na ocupação das novas terras e a obtenção de lucros pelas empresas através da exploração da madeira e venda de lotes. Os imigrantes europeus, importados para morar aqui na região oeste de Santa Catarina, eram, em maioria, camponeses alemães e italianos. O Estado do Rio Grande do Sul foi escolhido e planejado como porta de entrada dos colonos porque esse pedaço de terra era também disputado por outras nações.

Ainda, as colonizadoras, ao se fixarem aqui, obrigaram que todos tivessem escrituras das terras, assinadas em cartório. Porém, os indígenas, negros ou mesmo os caboclos, não tinham essa prática, a maioria não sabia escrever e muitos nem sequer tinham contato com órgãos públicos, sendo, então, expulsos de seus territórios de origem ou explorados de forma ilegal pelos “donos oficiais” das terras. Como já dito, para esses povos a terra não era comprável, pois lembrava a ideia de propriedade pública. Para o governo de Santa Catarina, assim como para as colonizadoras, esses sujeitos eram tratados como animais selvagens, desalmados, incivilizados (BUBA; NOTZOLD, 2014).

Já os imigrantes europeus eram vistos como civilizados, trabalhadores e capazes de trazer a modernidade para o interior, por isso os esforços do governo para trazê-los em grande número. Essa política ficou conhecida no Brasil como “projeto de branqueamento”, o termo pode ser encontrado em muitos documentos de companhias colonizadoras. Cita-se como exemplo o “Plano Farquhar”, da *Brazil Development & Colonization* (BUBA; NOTZOLD, 2014).

As empresas colonizadoras se aproveitaram da visão pejorativa que o Estado tinha sobre os povos locais. Por serem consideradas boas para a modernização do interior abandonado, eram pouco vigiadas, então investiam pouco ou quase nada de dinheiro nas construções férreas e infraestrutura da região oeste de Santa Catarina, fora o fato de que usavam mão de obra escrava, explorando os caboclos, indígenas e negros. Esses dados podem ser vistos nos planos administrativos de várias colonizadoras da região, como a Colonizadora Irmãos Lunardi, Colonizadora Bertazo e Brazil Railway Company (RADIN, 2009).

Na parte que Chitolina (2008, p. 68-73) trata sobre a formação da Empresa Colonizadora Irmão Lunardi a autora escreve que a empresa foi fundada em 1920 por Giácomo, Pedro, João e Antônio Lunardi, imigrantes italianos. A aquisição da fazenda Rodeio Bonito impulsionou a formação da empresa, subcolonizadora da Bertaso Maia & Cia. A transação, negociada por Bertaso e Antônio Lunardi, envolveu a compra de mil colônias (era a antiga Fazenda Rodeio Bonito) que antes do fim da Guerra do Contestado pertencia ao município de Palmas (PR).

Segundo Chitolina (2008), Luiz Lunardi, junto ao seu tio Pedro, explorou a fazenda em 1920, decidindo pela compra. A empresa destinava-se à compra e venda de terras, indústria de madeira e comércio varejista. A empresa desempenhou papel significativo na colonização do oeste catarinense. Dissolvida em 1934, as terras foram divididas entre os irmãos Lunardi, que demarcaram e venderam os lotes aos migrantes sul-rio-grandenses, assim marcando a história de Xaxim.

Chitolina (2008) disserta que diversas empresas colonizadoras, incluindo a Bertaso, Maia & Cia. que vendeu a antiga Fazenda Rodeio Bonito para a Empresa Colonizadora Irmãos Lunardi, desempenharam um papel crucial na comercialização de terras nesse processo. A colonização não foi apenas um movimento de ocupação territorial, mas também uma estratégia para apropriação de terras consideradas devolutas. Essas empresas exploravam a influência política de seus sócios para controlar vastas extensões de terras no Oeste catarinense, colocando-as à venda.

A migração intensa de sul-rio-grandenses a partir de 1920 foi um componente vital desse processo colonizador. Indígenas, poloneses, alemães, italianos, lusos, africanos e outros ocuparam as novas terras, trazendo consigo suas técnicas, religiões e culturas. A diversidade étnica na ocupação das terras contribuiu para a formação de uma sociedade plural em tradições.

O processo colonizador não apenas transformou a geografia da região, mas também estabeleceu relações estreitas entre os colonizadores e os poderes públicos. A venda e a apropriação de terras muitas vezes se entrelaçavam com interesses políticos, e os colonizadores ocupavam cargos na elite política local, buscando melhorias na infraestrutura das áreas colonizadas.

Assim, o início do século XX testemunhou uma intensa transformação no Oeste de Santa Catarina, impulsionada pelo processo colonizador, marcando não apenas a expansão geográfica, mas também o estabelecimento de uma nova dinâmica social e econômica na região (CHITOLINA, 2008). Alguns aspectos dessa

identidade são perceptíveis ao se observar os túmulos, os nomes e a própria construção da identidade social materializada no Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf, em Xaxim.

4 MARCAS ESCULPIDAS NO TEMPO: O CEMITÉRIO MUNICIPAL FREI PLÁCIDO ROHLF E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL EM XAXIM

Neste capítulo, que trata sobre as representações sociais a partir do cemitério, a fotografia será a principal fonte histórica, aliada às discussões feitas anteriormente. Sepulturas distintas, monumentos grandiosos e mausoléus refletem não apenas a posição econômica dos falecidos, mas também as hierarquias sociais da época da colonização. Esses espaços encapsulam narrativas de poder e status que podem ser decifradas através da simples observação arquitetônica do Cemitério Frei Plácido Rohlf.

O uso de fotografias como fontes históricas é uma prática que vem sendo cada vez mais usada, inclusive no Brasil. As fotos são uma representação da realidade e suas análises são capazes de capturar elementos e aspectos que conteúdos orais e escritos não são capazes de descrever. Através das fotos é possível entender a essência do que está ali registrado, mesmo que de forma subjetiva (NEVES, 2004). Em outras palavras, fotografias nos ajudam a entender um pouco da nossa realidade, por isso foram escolhidas como as principais fontes dessa pesquisa.

O Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf desempenha um papel importante na preservação da identidade cultural e religiosa. Túmulos ornamentados e a presença de símbolos religiosos atestam a diversidade cultural de uma sociedade. As lápides, por vezes, contam histórias através de inscrições, expressando sentimentos, crenças e até mesmo eventos históricos marcantes, a exemplo do processo colonizador de Xaxim. Para esse entendimento, é preciso fazer o levantamento de alguns dados acerca do Cemitério aqui analisado.

Não foi possível datar em que ano o cemitério foi fundado, no entanto no livro Uma História de Fé Construída em Mutirão (LOPES DALLA ROSA, 2010) pode ser atestado que no ano de 1966 o cemitério já existia. Pois nele foi sepultado o próprio Frei Plácido Rohlf. Mais tarde em 14 de abril de 1987 o cemitério Municipal, passou a ser chamado de cemitério Frei Plácido Rohlf. O terreno foi doado pela família Lunardi ao governo Xaxinense, portanto, não é estranho que até hoje a área central, a mais privilegiada, seja a que guarda o grande jazigo da família colonizadora do

município, diga-se de passagem, o maior e mais alto do cemitério, em pedra mármore, na cor cinza. Como contraponto, em relação a semelhança entre a composição da cidade e do cemitério, assim como a família Lunardi ocupa o centro do cemitério, o nome das principais ruas de Xaxim, localizadas no bairro Centro, também advém de nomes de membros da família Lunardi, entre elas: Avenida Luiz Lunardi e Avenida André Lunardi.

Figura 1 – Jazigo da família Lunardi



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Figura 2 – Avenida André Lunardi



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Figura 3 – Avenida Luiz Lunardi



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Como discutido anteriormente, sendo o Cemitério Frei Plácido Rohlf uma representação simbólica da cidade, é possível ver isso também nas sepulturas das camadas mais pobres da população (cedidas pela prefeitura), que ficam localizadas

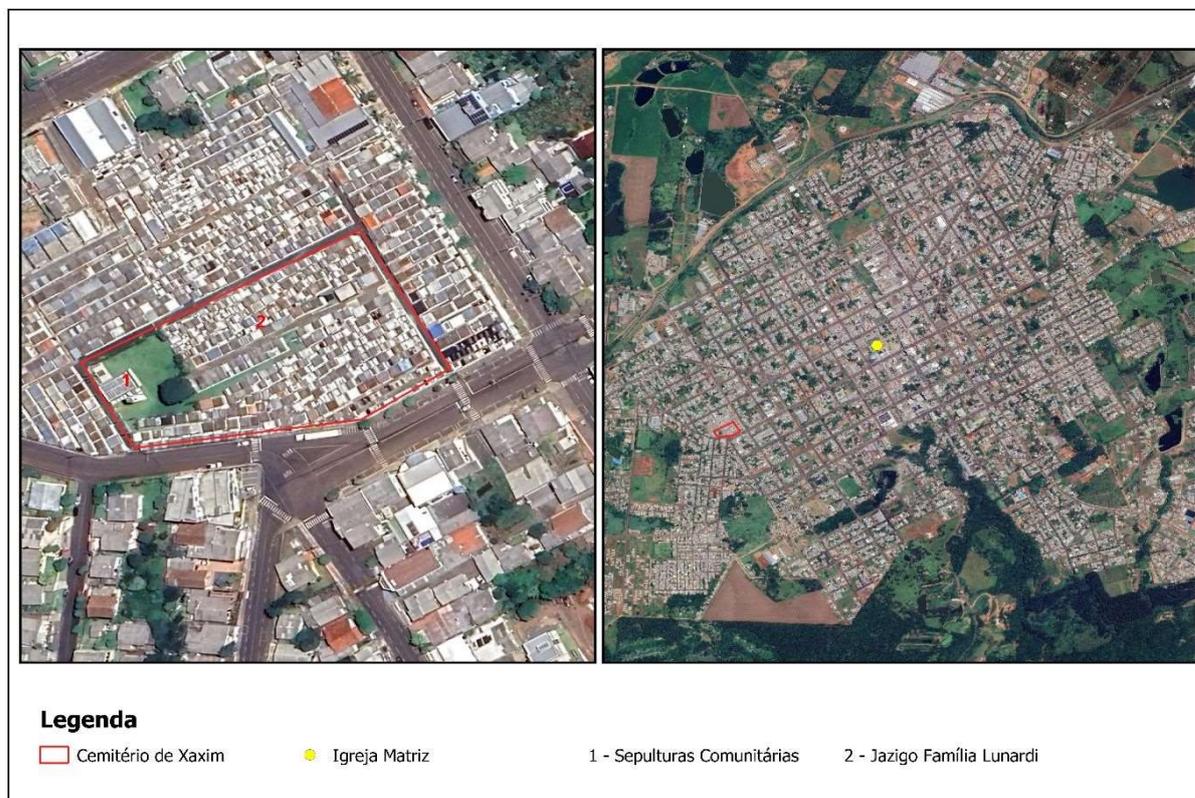
nos fundos do cemitério, escondidas em uma das laterais. Assim como os bairros considerados os mais pobres da cidade de Xaxim, que ficam nas extremidades do município, como exemplo, o bairro Santa Terezinha e o bairro Chagas.

Figura 4 – Sepulturas comunitárias da cidade de Xaxim



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Figura 5 – Vista aérea do cemitério e da cidade de Xaxim



Fonte: do autor.

Figura 6 – Bairro Chagas



Fonte: Polícia Civil de Xaxim (SC).

Como visto no referencial bibliográfico, também é possível comprovar a afirmação de Motta (2009), quando diz que a referência tumular geralmente é determinada pela linha paterna, transmitida aos filhos, netos e bisnetos, podendo o sobrenome vir gravado na frente do túmulo ou o nome do pai ou marido fixado como a principal referência, como por exemplo, Família Silvio Gheno:

Figura 7 – Jazigo da Família Gheno



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Também há casos em que os túmulos refletem o desejo do morto de ser lembrado por suas ações sob a aspiração de ser, posteriormente, reconhecido coletivamente. Nesse tipo de epitáfio autobiográfico é comum se atribuir ao indivíduo qualidades, o que pressupõe sua construção a partir de uma dimensão sociocultural e, portanto, vinculada a um sistema simbólico de representações específico – “representações cujos dispositivos rituais muitas vezes costumam conferir a essa noção tanto atributos de identidade como valorativos” (MOTTA, 2009, p. 83). Como demonstra a epígrafe do colonizador Luiz Lunardi:

Figura 8 – Epígrafe do colonizador Luiz Lunardi



Fonte: Acervo pessoal (2024).

A epígrafe de Luiz Lunardi: “Como pioneiro lancei a semente desta cidade e amei-a como se fosse um filho” também passa outras mensagens. A palavra pioneiro, por exemplo, representa que ele foi o primeiro a, como ele mesmo diz, “semear” essas terras, isso anula a existência das pessoas que já ocupavam a região, o que representa, como já debatido, que os indígenas e pardos não eram considerados pessoas pelos colonizadores, mas sim, animais selvagens que precisavam ser despidos de seus costumes, para aí sim serem integradas a sociedade. Isso demonstra a violência da colonização que se perpetua até hoje. Na epígrafe também podemos perceber uma anulação de gênero, porque apesar da

palavra “cidade” ser feminina, ele indica que a amou como um filho e não como uma filha, termo que faria mais sentido semântico.

Essa violência colonial, marcada pela inferiorização e demonização de quem era considerado diferente, por ter outros costumes e crenças, pode ser vista até hoje. Quando moradores do município, por exemplo, ao se depararem com práticas religiosas que se distanciam das cristãs (trazidas pelos europeus), se espantam e até mesmo denunciam ritos religiosos de matrizes africanas e indígenas para as autoridades locais como sendo “magia negra”. O que pode ser constatado pela reportagem emitida, em 2023, pelo Jornal local Click Xaxim¹:

Figura 9 – Reportagem do Jornal Click Xaxim



ERRATA: Rituais são registrados na cruz mestre do Cemitério de Xaxim

ÚLTIMAS NOTÍCIAS XAXIM por Click Xaxim 0

A equipe de jornalismo do portal Click Xaxim foi procurada por leitores após itens de práticas de cultos serem encontradas na cruz mestre do Frei Plácido Rohlf. As imagens mostram comidas envolvidas em pano de TNT.

O internauta, que não quer ser identificado, afirma que estas situações são recorrentes. “Não é de hoje que isso acontece, alguém tem que tomar alguma providência”, ressaltou.

Fonte: Jornal Clik Xaxim (2023).

¹ Link para a notícia: <<https://clickxaxim.com.br/errata-rituais-sao-registrados-na-cruz-mestre-do-cemiterio-de-xaxim>>. Acesso em: ago. 2024.

Por fim, constata-se, como diz Motta (2009, p. 77), que como na cidade dos vivos, a desigualdade é visível também no espaço póstumo. Os lugares “mais caros e cobiçados, situados nas grandes alamedas ou avenidas centrais, cuja presença era notada e admirada por todos os que chegavam ao local, eram destinados àqueles que podiam pagar mais”, além disso, oferecem “o privilégio de um lugar especial e também de uma concessão perpétua”. “Já os lugares mais recônditos, situados nas extremidades ou quadras laterais desses cemitérios, destinavam-se aos que tinham um poder aquisitivo menor, muitas vezes sem a concessão de transmissão”. A investigação dos estilos, tamanhos e localizações dos túmulos e monumentos, revelaram desigualdades sociais e ofereceram um *insight* sobre a sociedade, a política, a economia que moldaram a história local de Xaxim. Vislumbrando as fotografias das lápides é possível concluir que no contexto social, o Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf revela estratificações sociais e desigualdades. Não é apenas um local de descanso final, mas também um repositório rico de memórias individuais e coletivas. Ao explorar esse espaço, mergulhou-se não apenas na história das vidas que ali descansam, mas também na trajetória social e cultural da cidade de Xaxim, ao longo do tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos capítulos apresentados sobre os cemitérios como reflexo histórico em Xaxim, é possível concluir que a pesquisa revela uma abordagem profunda sobre a identidade cultural e social da região, especialmente durante o processo colonizador no início do século XX. O estudo detalhado dos túmulos, símbolos e inscrições no Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf em Xaxim oferece uma visão única das complexidades da sociedade local.

Por sua vez o capítulo 2 estabeleceu as bases, explorando o simbolismo presente nos túmulos, destacando elementos como esculturas, inscrições e símbolos religiosos. Isso cria uma ligação direta com o capítulo 3, que se aprofundou nas representações sociais dos colonizadores e colonizados, relacionando-as ao processo colonizador de Xaxim. A dissertação da historiadora Valdirene Chitolina contribui substancialmente ao oferecer uma compreensão detalhada do processo de colonização do oeste catarinense.

O capítulo 3 destacou a diversidade étnica na ocupação das terras, a influência das empresas colonizadoras e a relação entre colonizadores e poder público. A conclusão desse capítulo ressaltou a transformação intensa que ocorreu no Oeste de Santa Catarina no início do século XX, não apenas em termos geográficos, mas também em dinâmicas sociais e econômicas que se estenderam até hoje.

No capítulo 4, a análise espacial do Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf em Xaxim, demonstrou como os túmulos, monumentos e inscrições refletem não apenas a posição econômica dos falecidos, mas também as hierarquias sociais da época da colonização. A pesquisa das lápides ofereceu uma visão das desigualdades sociais e estratificações presentes na sociedade, revelando-se como um repositório rico de memórias individuais e coletivas.

Dessa forma, a conclusão geral sugere que o Cemitério Municipal Frei Plácido Rohlf não é apenas um local de descanso final, mas um testemunho histórico que reflete as transformações sociais, culturais e econômicas que marcaram a trajetória de Xaxim ao longo do tempo. O estudo contribui para a compreensão mais profunda da identidade local, conectando o passado ao presente através da análise das lápides.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte, Editora Letramento, 2018.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1992.
- BUBA, N. M.; NOTZOLD, A. L. Contestado: a questão indígena na região do conflito. *Anais do XV Encontro Estadual de História*, Florianópolis, UFSC, 2014.
- CARNEIRO, M. Construções tumulares e representações de alteridade: materialidade e simbolismo no Cemitério Municipal São José, Ponta Grossa/PR/BR. *Revista Inter-Legere (UFRN)*, Natal, jan.-jun. 2013.
- CHITOLINA, V. Interfaces da colonização do oeste catarinense: a antiga fazenda Rodeio Bonito (1920-1954). 2008. *Dissertação (Mestrado em História)* – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008.
- DALLA ROSA, I. L. *Uma história de fé construída em mutirão*, Xaxim, CTP Impressão e acabamentos, 2009.
- ISMÉRIO, C. Os símbolos e representações femininas da arte cemiterial no período republicano do Rio Grande do Sul. *Revista Gráfica-Cuaderno de trabajo de los profesores de de Ciencias Humanas*, v. 13, ed. 2, Colômbia, 2016.
- MACHADO, J. P.; SANTOS, A. B. *Jóias da Memória e da História: Cemitério das Irmandades*, Jaguarão/RS. Edição 1, Jaguarão: Editora EDICON, 2021.
- MOTTA, A. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, n. 71, 2009.
- NEVES, L. A fotografia como documento histórico. *Revista Tempo de História*, Brasília, n. 8, 2004.
- RADIN, J. C. *Representações da Colonização*. Chapecó, Editora Argos, 2009.
- SANTANA, R. d. M. Segregação socioespacial no cemitério São Miguel na cidade de Goiás. *Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)* – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2012.
- SECRETO, M. V. Legislação sobre terras no Brasil do oitocentos: definindo a propriedade. *Revista Raízes*, Campina Grande, vol. 26, nº 1 e 2, p. 10–20, jan.-dez. 2007.
- SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

TOZATI, C. Cemitérios reproduzem cultura local. *Periódico UEPG*, Ponta Grossa, out. 2022. Disponível em: < <https://periodico.sites.uepg.br/index.php/cidade-cidadania/2880>>. Acesso em: mar. 2024.

VICENZI, R. *Mito e História na colonização do oeste catarinense*, Chapecó, Editora Argos, 2008.